

## Conclusão

Aqui está o fruto das nossas reflexões e da formalização das nossas experiências de investigação e ensino, enriquecidas com os testemunhos de profissionais experientes. Esta é a nossa visão sobre a prática da intervenção ergonômica. Esperamos que esta obra seja uma contribuição significativa para a disciplina e também para a formação de muitos ergonomistas.

Com toda a modéstia, estamos conscientes de que este é apenas um primeiro passo. Outras obras virão enriquecer nosso esforço e contribuir para a evolução da prática da intervenção ergonômica. Afinal, a disciplina é jovem e são necessárias obras didáticas e reflexivas para o seu amadurecimento. Além da prática da intervenção ergonômica, há espaço para publicações sobre outros assuntos relevantes para a Ergonomia. Pensamos em possíveis tratados metodológicos na área dos projetos de concepção, na contribuição da ergonomia para os novos desafios da formação e da manutenção de uma força de trabalho envelhecida no emprego. Esperamos que este livro possa estimular outras reflexões necessárias à evolução da disciplina.

Podemos concluir nos questionando sobre os desafios que os ergonomistas terão de enfrentar nos próximos anos e como a disciplina deveria evoluir. Primeira constatação: a Ergonomia deve afirmar-se claramente, em todas suas dimensões e em sua especificidade, junto às outras disciplinas. Vários ergonomistas comentam que, às vezes, têm dificuldade em se fazerem entender por outros pesquisadores e profissionais. Numa altura em que os problemas encontrados nos locais de trabalho se tornam mais complexos, uma perspectiva multidisciplinar é, por vezes, a única linha de ação pertinente. Nesse contexto, as contribuições e os métodos da Ergonomia devem ser mais bem-compreendidos pelos colegas das outras disciplinas envolvidas na concepção do trabalho segundo diferentes perspectivas. O conceito de análise de atividade, que constitui, de certa forma, a espinha dorsal deste trabalho, não é tão simples de ser

compreendido pelos nossos colegas. Os ergonomistas terão, portanto, de fazer esforços para comunicar melhor seus conceitos e métodos.

Há motivos para questionar se uma simplificação da linguagem utilizada, recorrendo a uma abordagem mais sintética, não seria útil para esse fim. Muito hermetismo deve ser evitado a todo custo. Uma coisa é certa, trabalhos dedicados a explicar a Ergonomia e seus pontos de convergência e divergência com outras disciplinas só podem ser úteis. Há espaço para reflexões epistemológicas para a consolidação da disciplina e para o fortalecimento das questões interdisciplinares.

Manter viva a formação dos alunos das séries superiores também será um grande desafio. Desenvolver a próxima geração é crucial para a sobrevivência da disciplina.

Dada a pluralidade de influências que colorem as abordagens adotadas em Ergonomia, pesquisadores e profissionais devem evitar permanecer num universo excessivamente fechado. Ao contrário, devem abrir-se às diversas perspectivas desenvolvidas nos vários continentes.

O desafio mais importante para os ergonomistas é fazer com que sua contribuição potencial seja compreendida pelos atores dos diversos locais de trabalho. Para dizer o mínimo, em Quebec ainda não recorreremos aos ergonomistas o suficiente. Resumindo, os gestores dos locais de trabalho têm uma ideia bastante vaga do que faz um ergonomista. Este é um desafio importante para a sobrevivência da disciplina: mudar as representações que os decisores nos locais de trabalho têm sobre a Ergonomia. Ainda que possam ser necessárias pesquisas para compreender melhor esse fenômeno, esperamos que as associações, ou grupos de pesquisadores e profissionais possam, juntos, realizar campanhas de sensibilização sobre isso e desenvolver ferramentas de comunicação.

Uma transformação da porta de entrada dos ergonomistas para os locais de trabalho talvez também fosse benéfica. O ergonomista, frequentemente, levanta questões de saúde e segurança. Essa é uma vocação que deve persistir. No entanto, a intervenção realizada por meio das estruturas de saúde e segurança nem sempre é uma prioridade para a empresa. Por esse caminho, muitas vezes, é difícil convencer os decisores a fazer investimentos. Como Lamonde e Bellemare (2010)<sup>1</sup> destacaram recentemente, os ergonomistas deveriam trabalhar, com mais frequência, em conjunto com os projetistas, incluindo os engenheiros. Seria mais eficaz se a intervenção ergonômica fosse integrada às atividades rotineiras da empresa. Nesse sentido, os programas de melhoria contínua nas empresas poderiam constituir um veículo interessante, na medida em que seja possível contrariar os efeitos perversos que, por vezes, lhes são atribuídos.

A Ergonomia também deve evoluir em sintonia com as mudanças que afetam o mundo do trabalho. Além de suas competências na análise da atividade, o ergonomista deve dominar diversos conhecimentos sobre o “sistema-empresa” e sobre os processos de mudança nos ambientes de trabalho. Mais do que nunca, será importante adotar uma visão sistêmica e interessar-se pelo contexto macroscópico do ambiente de trabalho, bem como por seu ambiente externo.

---

1 Lamonde e Richard, 2009a, 2009b; Bellemare, 2010.

Embora seus princípios de ação sejam os mesmos, os ergonomistas terão de enfrentar as dificuldades vividas pelas populações vulneráveis e o problema de um envelhecimento significativo da força de trabalho. Nessa perspectiva, a análise da atividade poderia contribuir para mecanismos de transmissão de conhecimentos entre novatos e especialistas, numa altura em que os ambientes de trabalho enfrentarão perdas importantes. Como sabemos, há abundância de pequenos estabelecimentos, pelo menos em Quebec. No entanto, a prática profissional é mais frequentemente formalizada para as empresas de grande porte. Seria importante desenvolver intervenções mais adequadas às pequenas e médias empresas. Além disso, o ergonomista deve estar interessado em questões emergentes, como os riscos psicossociais e aqueles ligados às nanotecnologias.

Outro caminho atual: a avaliação das intervenções ergonômicas. O ergonomista deve envolver-se com sociólogos do trabalho e especialistas em avaliação no acompanhamento e na avaliação das intervenções ergonômicas. Ele deve ajudar outros especialistas a compreenderem as ações que conduzem nas empresas e desenvolver com eles critérios de avaliação. De fato, é importante saber se as intervenções dos ergonomistas conseguem desenvolver culturas de prevenção duráveis nos ambientes de trabalho. É compreendendo melhor as dificuldades encontradas durante suas intervenções que os ergonomistas poderão melhorar sua prática. Nessa perspectiva, só podemos encorajar as abordagens reflexivas desenvolvidas em certos estudos ergonômicos.

Assim, são muito úteis para a prática as intervenções nas quais se analisam, sistematicamente, as dificuldades encontradas e os fatores de sucesso. Para esse efeito, os diários de bordo constituem uma ferramenta privilegiada. Da mesma forma, são muito educativos os estudos em que se acompanham a trajetória da intervenção e seu progresso.

Por fim, concluiremos com uma pergunta. O objetivo do ergonomista é compreender o trabalho para transformá-lo. Ora, apesar de todo o rigor e qualidade das suas análises, suas propostas são, muitas vezes, rejeitadas. Os desafios, não raro, transcendem os ambientes de trabalho e são de natureza política. Deveria, então, o ergonomista limitar-se a seu corpo de conhecimento ou manifestar-se em fóruns públicos para tentar influenciar as coisas, muito mais a montante?

Em suma, anos ricos em desenvolvimento e renovação aguardam os ergonomistas.

*Para o desenvolvimento da disciplina e para o enriquecimento de trabalhos posteriores, o leitor é calorosamente convidado a enviar seus comentários aos autores no endereço: [intervention.ergo@irsst.qc.ca](mailto:intervention.ergo@irsst.qc.ca)*

*Sobre a edição brasileira contatar: [contato@engenhariadotrabalho.com.br](mailto:contato@engenhariadotrabalho.com.br)*

